

VIVÊNCIA UNIVERSITÁRIA: PROPORCIONANDO A COMPREENSÃO DA SAÚDE E MEIO AMBIENTE POR MEIO DA INCLUSÃO DE JOVENS AGRICULTORES

Bartolomeu Tavares^{1*}; Helaine Maruska Vieira Silva²; Janaine Fragnam Peres³; Neimar Afonso Sornberger⁴; Renann Zanatta⁵; Anelize Q. Amaral⁶

SAP 10401 Data envio: 23/07/2014 Data do aceite: 10/12/2014
Sci. Agrar. Parana., Marechal Cândido Rondon, v. 15, n. 1, jan./mar., p. 20-26, 2016

RESUMO - Este trabalho teve como objetivo identificar as concepções da questão ambiental e de promoção à saúde através das declarações de 109 alunos da Educação Básica, residentes na zona rural que participaram de atividades nas oficinas pedagógicas do projeto de extensão “Construção coletiva para a promoção da saúde e para a melhoria da qualidade de vida e do ambiente”. Através de análise qualitativa (FLICK, 2004) dos resultados pode-se observar que a dinâmica propiciou participação ativa e maior envolvimento dos alunos com o processo de ensino e aprendizagem possibilitando concretização prática do conhecimento construído, no seu cotidiano. Conclui-se que os estudantes, filhos de agricultores, têm as mesmas aspirações acadêmicas dos jovens dos centros urbanos, contudo, esses jovens possuem um apego ao campo e se receberem o estímulo adequado para um encaminhamento acadêmico futuro que vise à atuação profissional no meio rural, reduziria a taxa de êxodo rural.

Palavras-chave: agricultor, oficinas pedagógicas, experiência universitária.

UNIVERSITY EXPERIENCE: PROVIDING THE HEALTH AND ENVIRONMENT UNDERSTANDING THROUGH THE INCLUSION OF YOUNG FARMERS IN UNIVERSITY LIFE

ABSTRACT - This study aimed to identify the concepts of environmental issues and health promotion through the statements of 109 students of basic education, rural residents who participated in educational workshops activities of the extension project "Collective construction for promoting health and for environment and life quality improvement". Through qualitative analysis (FLICK, 2004) it can be seen that the dynamics provided greater involvement and active participation of students with the process of teaching and learning, enabling practical implementation of the knowledge built in their daily lives. It is concluded that students, farmers's children, have the same academic aspirations of young people in urban centers, however, these young people have an attachment to the countryside and if they receive the proper stimulus to a future academic path which aims a professional performance in rural areas, would encourage the reduction of the rural exodus rate.

Key words: farmers, educational workshops, university experience.

INTRODUÇÃO

Os problemas ambientais vêm aumentando a cada dia, seja pelo crescimento populacional, industrial ou agrícola, gerando desequilíbrios no ecossistema. A preocupação em como solucionar e principalmente como evitar os desequilíbrios causados vem crescendo de forma significativa.

Neste sentido, desde os primórdios o homem vem se apropriando da natureza para suprir suas necessidades básicas e garantir sua sobrevivência, porém essas relações

estão se modificando e o que antes era para garantir sua sobrevivência hoje é visto como acúmulo de bens e obtenção de lucros (AMARAL, 2009).

Com a Revolução Industrial no século XVIII, a ideologia era de apropriar-se da natureza para ser utilizada exclusivamente como matéria-prima. Por esse motivo, nessa época, rios foram desviados, áreas verdes devastadas e grande quantidade de minerais retirados da terra (WOJCIECHOWSKI, 2006).

¹Doutor em Biologia Vegetal, Professor Aposentado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Travessa Herodoto 18, Apto. 7, Campo Pequeno, CEP 83.404-020, Colombo, Paraná, Brasil. E-mail: bartolomeutavares@hotmail.com.br. *Autor para correspondência

²Doutora em Ciências (Fisiologia Humana), Docente do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, UNIOESTE, Cascavel, Paraná. E-mail: helaine.silva@unioeste.br.

³Graduada em Enfermagem, UNIOESTE, Cascavel, Paraná. E-mail: fragnanpraguinha@hotmail.com.

⁴Mestrando em Desenvolvimento Rural Sustentável, UNIOESTE, Mal. Cândido Rondon, Paraná. E-mail: neimar.sorn@hotmail.com.

⁵Graduado em Enfermagem, UNIOESTE, Cascavel, Paraná. E-mail: renannz@hotmail.com.

⁶Mestre em Educação para Ciências, Docente do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, E-mail: anelizeamaral@utfpr.edu.br.

Para Mazzotti (1998, p.239) “a escala de desperdício efetivado na sociedade moderna provavelmente produz e produzirá situações que ameaçam a sobrevivência da humanidade, sendo necessário evitar esse curso de desenvolvimento”.

“Segundo Leff (2010) esse sistema descontrolado de crescimento econômico, demográfico e tecnológico alimenta-se da nossa natureza finita, consumindo de maneira inadvertida nossos bens naturais, além de privilegiar uma pequena parcela da população mundial, em detrimento da maioria”.

De acordo com Brügger (1994, p. 22):

Se considerarmos que a Terra tem 4,6 bilhões de anos, durante as últimas frações de segundo geológico da história do nosso planeta, o *Homo sapiens* interferiu em ciclos naturais que levaram de milhões a bilhões de anos interagindo dinamicamente para formar as atuais condições de vida que se conhecem e as quais se adaptaram ao longo desse período. Condições essas que têm se traduzido frequentemente em problemas como extinção de espécies, mudanças climáticas, poluição, exaustão de recursos úteis ao homem.

Neste panorama de crise ambiental, é fundamental o surgimento de uma nova percepção da realidade, que promova revitalização das comunidades educativas, comerciais, políticas, de assistência à saúde e da vida cotidiana, de modo que os princípios ambientais se manifestem como princípios de educação, de administração e de política (CAPRA, 1994).

Nesse contexto, o âmbito educacional, como espaço de construção e socialização de conhecimentos, tem o papel essencial de formar cidadãos comprometidos com os problemas do mundo no qual habitam.

Segundo a Agenda 21, Cap. 36 (CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 2001, p. 239), tanto o ensino formal quanto não formal, devem ser reconhecidos como um processo pelo qual os seres humanos e as sociedades podem desenvolver suas potencialidades, a consciência ambiental e ética, valores e atitudes, técnicas e comportamentos, no sentido de favorecer a participação pública efetiva nas tomadas de decisão em prol da sustentabilidade do meio ambiente.

A intervivência universitária cujo objetivo principal é de possibilitar o acesso à universidade de grupos historicamente excluídos do processo de formação acadêmico, e diminuir a distância existente entre o meio rural e o meio universitário, de maneira a possibilitar um maior intercâmbio de informações, identificando os problemas atuais do jovem no campo e a troca de experiências (SANTANA et al., 2010).

O presente estudo teve por base declarações obtidas de 109 alunos que participaram de atividades desenvolvidas com oficinas pedagógicas, inserido em um projeto maior de extensão intitulado “Construção coletiva

para a promoção da saúde e para a melhoria da qualidade de vida e do ambiente”, com objetivo de proporcionar aos filhos de agricultores uma intervivência universitária, onde conceitos foram desconstruídos e reelaborados, no sentido de promover um repensar a cerca da saúde e sua relação com o meio ambiente. Para tanto, se fez necessário a adoção de novos valores, critérios e um engajamento coletivo para efetivar mudanças.

Deste modo, irradiar princípios e atitudes ambientais é imprescindível para a construção de um mundo ambientalmente equilibrado e que reconhece que ainda existe muito a fazer (CARNIATTO et al., 2011).

Portanto, encontrar os caminhos pelos quais tais informações sejam construídas com os cidadãos é, sem dúvida, o grande desafio que se apresenta, afinal tal temática deve ser discutida, pois sua compreensão é imprescindível para a continuidade da vida na Terra, além de caminhar na direção de uma nova ética e maneiras de viver com um bem comum da humanidade, e um direito de todos os povos que habitam o planeta.

MATERIAL E MÉTODOS

O Oeste do Paraná é uma região que tem como forte característica o empreendedorismo voltado principalmente para o setor agroindustrial. Esta situação, entretanto representa uma “meia verdade”, pois significativa parcela de seus municípios apresenta desafios sócio-econômicos semelhantes aos enfrentados em outras regiões do estado. Entre os 54 (cinquenta e quatro) municípios do Oeste do Paraná, 16 (dezesseis) apresentam como características, reduzidos Índices de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) [0,697 a 0,764] e Índices de Pobreza que variam de 22,77% a 48%, superiores a média estadual (20,9%). Tais informações demonstram a vulnerabilidade social extrema e as desigualdades sociais e econômicas entre municípios vizinhos do Território com altos IDH-M (por exemplo: Palotina IDH-M = 0,832, Marechal Cândido Rondon IDH-M = 0,829, Toledo IDH-M = 0,827, Foz do Iguaçu IDH-M = 0,788 e Cascavel IDH-M = 0,810 segundo Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD (2000)), resultando em um desequilíbrio nas dimensões econômicas, sociais, ambientais e culturais.

Os módulos de formação de agentes multiplicadores desenvolvidos no Projeto Construção Coletivos para Promoção da Saúde e para a Melhoria da Qualidade de Vida e do Ambiente foi realizado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, com jovens agricultores (as) residentes nas cidades de Cascavel e seus distritos (Sede Alvorada, Rio do Salto, Reassentamento São Francisco e Reassentamento Santa Tereza); Corbélia; Cafelândia; Braganey; Iracema do Oeste; Vera Cruz do Oeste; Diamante do Oeste; Céu Azul; Assis Chateaubriand; Lindoeste; Boa Vista da Aparecida; São Pedro do Iguaçu; Santa Lúcia; Santa Tereza do Oeste; e Capitão Leônidas Marques e seu distrito Alto Alegre do Iguaçu.

Participaram do projeto 109 alunos, divididos em três turmas (A, B e C), duas turmas com 36 e uma com 37 alunos.

Assim, a formação dos jovens ocorreu em cinco módulos (Tabela 1) presenciais dentro das instalações do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde/UNIOESTE, Campus Cascavel, onde os participantes tiveram a

oportunidade de conhecer melhor a universidade através da intervivência no período de março de 2009 a outubro de 2010.

TABELA 1. Esquematização das atividades desenvolvidas nos módulos. CCBS/UNIOESTE, campus CASCABEL. 2010.

Módulo	Atividade	Ministrante Acadêmico/Curso
1	Visita aos laboratórios do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde	Ciências Biológicas
	Meio Ambiente e Vigilância Ambiental	Enfermagem
	Ergonomia no Trabalho Rural	Fisioterapia
	Meio Ambiente e Vigilância Ambiental	Enfermagem
2	Parasitologia Ambiental	Medicina
	Primeiros Socorros	Enfermagem
	Noções Básicas de Informática	Ciências da Computação
	Animais Peçonhentos	Ciências Biológicas
3	Processos de Tratamento da água, normativas e sua importância para a saúde pública.	Ciências Biológicas
	Processos de Tratamento da água, normativas e sua importância para a saúde pública.	Ciências Biológicas
	Visita a Sanepar (Estação de Tratamento de Água)	Ciências Biológicas
4	Doenças Sexualmente Transmissíveis	Enfermagem
	Saúde Bucal	Odontologia
5	Redução de Óleo Comestível	Ciências Biológicas
	Pressão Arterial	Medicina e Enfermagem
	Saúde Bucal	Odontologia

Dentro dessa formação foram ministradas oficinas com enfoque Saúde, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, mostrando alternativas de prevenção e melhor qualidade ambiental, levando em consideração as experiências desses jovens dentro de suas comunidades.

O método adotado para as oficinas foi a pesquisa-ação-participante (Thiollent, 1985 e Santos et al., 2009), permitindo ao participante perceber de maneira interativa com a coletividade envolvida nas ações de aprendizagem, os caminhos e descaminhos do processo social vivenciado nas oficinas.

De acordo com Engel (2000, pg. 02), “a pesquisa-ação surgiu da necessidade de superar a lacuna entre teoria e prática”.

Dentre várias características marcantes deste tipo de investigação, destaca-se, o fato do pesquisador intervir na realidade, de modo a colaborar na superação de problemas no decorrer do processo, visualizando a pesquisa não como um produto na etapa final.

Recorrendo a Engel (2000, pg. 04) esse autor destaca:

No ensino, a pesquisa-ação tem por objetivo de pesquisa as ações humanas em situações que são percebidas pelo professor como sendo inaceitáveis sob certos aspectos, que são suscetíveis a mudanças e que, portanto, exigem uma resposta prática.

De acordo com Thiollent (1994), a pesquisa-ação tem por pressuposto que os sujeitos que nela se envolvem compõem um grupo com objetivos e metas comuns, interessados em um problema que emerge num dado contexto, no qual atuam, desempenhando papéis diversos. Constatado o problema o papel do pesquisador consiste em ajudar o grupo a problematizá-lo, ou seja, situá-lo num contexto teórico mais amplo e, assim, possibilitar o planejamento de atividades para gerar as transformações das práticas escolares.

Para compreensão da efetividade do projeto dados foram coletados e submetidos a uma análise qualitativa (FLICK, 2004).

RESULTADO E DISCUSSÃO

O presente projeto iniciou-se através de metodologias participativas (pesquisa-ação-participação), onde os ministrantes das oficinas buscavam incentivar e utilizar as metodologias científicas e conceitos mais empregados em saúde e meio ambiente de acordo com a realidade social, econômica, ambiental e cultural dos atores envolvidos, dando ênfase para o respeito à realidade e conhecimentos locais, para que posteriormente estes possam multiplicar esses métodos em suas comunidades.

É preciso unir o conhecimento científico com o popular para auxiliar no sucesso dos educandos, pois a forma como a educação formal tem sido organizada, em muitos casos, têm promovido mecanismos de exclusão e pouco acesso à cidadania. Os espaços de formação devem ser ampliados uma vez que a escola não pode ser o único local do processo ensino-aprendizagem.

Neste contexto, os participantes puderam conhecer parte da realidade de uma Universidade, principalmente, de um Centro que trabalha diretamente com as Ciências da Saúde e Biológicas, seja desenvolvendo ações de pesquisa e extensão, ou principalmente com a oferta de cursos de graduação em Enfermagem, Odontologia, Ciências Biológicas e Fisioterapia. Além de outros, que ofertam cursos tais como Medicina, Farmácia e Informática.

Neste período, os jovens passaram por um processo de formação através de oficinas com temas relacionados ao meio ambiente e a saúde. E dentro da Universidade os jovens puderam ainda conhecer todos os laboratórios de aulas práticas dos Cursos de Graduação (Anatomia, Zoologia, Botânica, Genética, Histologia entre outros) e participar de algumas ações práticas de rotina.

Durante as visitas aos laboratórios eles puderam expor o desejo de continuar a vida acadêmica dentro da instituição e multiplicar as informações necessárias para suas comunidades, melhorando a produção e servindo de referência para outros jovens.

Viver a universidade foi importante para esses jovens, que geralmente nessa idade não teriam oportunidade de conhecê-la, e também foi determinante para que eles pudessem conhecer o seu papel enquanto agente promotor do desenvolvimento em suas comunidades, para que esse curso de formação sirva como ponto de partida para futuras realizações de intercâmbios comunidade-academia.

A proposta metodológica das oficinas contemplou aspectos que propiciaram uma ação pedagógica que objetivou a fundamentação em temas relacionada ao cotidiano dos envolvidos, de forma a oportunizar a interpretação de situações da prática diária. Houve uma constante troca de informações. Com o tempo todos os jovens estavam relatando acontecimentos de seu cotidiano que se mostravam ser de grande importância dentro do contexto abordado, conferindo um sentido mais forte à proposta.

Segundo Vieira et al. (2009), ao afirmar que os educandos puderam perceber a sua contribuição dentro do processo de formação, e muito mais do que isso, a contribuição que podem levar para suas comunidades

passando adiante o que aprenderam. Corroborando com autor, constatamos, também que o desejo dos educandos de retornarem para suas casas e colocarem em prática tudo o que aprenderam.

A aprendizagem não se constrói pelo fato de ouvir e folhear o caderno, mas a partir de uma relação teórico-prática, com intuito não de comparar, mas de despertar interesse nos alunos, a fim de gerarem-se discussões e melhor aproveitamento das aulas.

Esta tendência pode ser observada em todos os módulos demonstrando que a técnica de oficinas é uma importante ferramenta de aprendizagem.

Para Moita e Andrade (2006):

Com as oficinas, além de interagir, os (as) profissionais tanto ensinam quanto aprendem: ensinam, certamente, conteúdos formais de cuja transmissão são encarregados; aprendem, porque, como se sabe, essa transmissão não é automática, mas supõe uma construção cognitiva individual de cada aluno e aluna, favorecida pelo trabalho coletivo. Aprendem, por conseguinte, como pensam seus alunos, conhecimento esse indispensável para que possam cumprir uma tarefa complexa, a de facilitar a aproximação entre os saberes prévios do alunado e o saber sistematizado da escola.

Dessa forma, observa-se que o trabalho pedagógico quando desenvolvido por meio de oficinas, promove além da interação um processo de ensino e aprendizagem de mão dupla, onde o professor que ensina também aprende e o aluno que aprende também ensina (FREIRE, 1996), ou seja, o saber passa de mão em mão proporcionando uma construção coletiva.

Nesses módulos observa-se que houve uma mudança de pensamentos e atitudes após este tipo de inserção do conteúdo. Transcritas nas falas abaixo:

“Eu acho legal, aulas que falam do meio ambiente e de como a gente pode ajudar a natureza”.

“Aprendi bastante nas aulas e na visita que fizemos a ETA (Estação de Tratamento de Água), gostei das brincadeiras, vou cuidar mais para não poluir as ruas com papel de balas e outros lixo, pois tudo vai parar no rio”.

”Meu vizinho joga o lixo na data do lado da casa dele, vou fala para ele separar o lixo e evitar doenças para nós”.

“Nossa, não sabia que nós produzimos tanto lixo assim, vou observar melhor tudo que compro e em que lixo eu joga”.

“Vou perguntar para minha professora como é feita a destinação do lixo que os lixeiros coletam em nossa cidade”.

Através do crescimento populacional das últimas décadas, aliado ao acelerado processo de industrialização ocorrido nesta segunda metade do século, observa-se um aumento vertiginoso na geração dos resíduos sólidos das mais diversas naturezas, que determinaram um processo contínuo de deterioração ambiental com sérias implicações na qualidade de vida do homem (CAMPOS, 2002).

Sabe-se que a geração de resíduos não é algo novo, mas sim elemento indissociável da vida humana que transcende o tempo e o espaço.

De acordo com Waldman (2010, p. 11/34):

No período paleolítico, os ocupantes das cavernas confinavam resíduos em reentrâncias das rochas. [...] A vida nas cidades medievais implicava em uma promiscuidade com dejetos, carcaças de animais mortos e restos de alimentos atirados a esmo nas ruas e praças. Odores oriundos da putrefação e do esgoto empastavam as cidades, acometidas por surtos de peste bubônica e outras doenças provocadas pelos detritos.

Contudo esse contexto histórico permeado por atitudes inadequadas e adjetivações sociais comprometeu e compromete a vida de muitos indivíduos que ainda sofrem com os resíduos geralmente descartados de maneira inadequada, prejudicando a qualidade de vida que esta diretamente relacionada a saúde.

Algo inaceitável para o século 21, afinal hoje é sabido que os resíduos ultrapassaram o conceito de material inútil, tudo aquilo que se joga fora, não presta, sujeira, perigoso, restos, sobras, entre outros. É preciso reconhecer que muito do que a sociedade qualifica como “lixo”, são materiais potencialmente recicláveis.

Contexto, evidenciado na fala de um aluno:

“Vou explicar tudo que aprendi para meus pais e vizinhos, pois quando a gente cuida do rio e da terra a gente tem mais saúde”.

A diversidade de estímulos disponíveis no ambiente pode despertar nos jovens um estado de motivação. Esta motivação é um processo individual interno e fundamentalmente energético que determina a direção e a intensidade do aprendizado. Paralelamente à atividade do jogo associado às visitas técnicas para diagnósticos ambientais pontuais, os alunos se sentiram motivados a contar histórias e relatar casos vividos por eles, com intuito de compartilhar seus conhecimentos:

“O projeto é muito interessante, além da aprendizagem que estamos obtendo por meio dos inúmeros temas que são abordados, o projeto está me ajudando a definir o curso universitário cuja vaga vou pleitear no próximo vestibular”.

“A gente ouviu muita coisa sobre os temas que aqui são apresentados, mas quase

nunca paramos para pensar sobre esse conteúdo. A oportunidade em vir até a Universidade é ótima, pois temos acesso a uma reflexão de temas que são básicos, mas que fazem diferença em nossas vidas”.

“A Universidade está nos possibilitando a conhecer mais e nos leva a pensar melhor”.

No tocante a aprendizagem de habilidades envolvidas nos trabalhos de Educação Ambiental nos temas sobre saúde e meio ambiente deve ser observado que não se trata apenas dos conceitos científicos que permeiam um determinado tema. Além da instrução científica, existem conteúdos voltados à formação cidadã do indivíduo que diz respeito ao desenvolvimento de atitudes e valores, entre outros tipos de conhecimentos tão necessários quanto à aprendizagem conceitual, como observado nas falas acima destaca-se uma construção que envolveu escolhas e futuras opções para formação profissional dos indivíduos envolvidos na pesquisa.

Um fator fundamental na transformação dessa realidade é a Extensão Universitária, pois é o elo entre o saber científico e a comunidade, através da extensão os conhecimentos produzidos e trabalhados/ensinados serão aplicados na sociedade em busca de uma melhor qualidade de vida, saúde e meio ambiente, uma vez que, “compete à Universidade transmitir (*ensino*), produzir (*pesquisa*) e aplicar (*extensão*) conhecimentos, estando estas três dimensões dialeticamente relacionadas” (FALCÃO, 2006).

Portanto, a extensão não deve ser meramente uma atividade de transmissão de informações técnicas e/ou acadêmicas, ou mesmo uma prática de pesquisa na qual o pesquisador coleta os dados e se afasta do objeto investigado para fazer análise e conclusão. A extensão na dimensão social envolve um movimento dialético de troca de saberes em que os resultados devem convergir para a emancipação dos sujeitos. Desta forma, a extensão se diferencia ao fazer uma opção social e política, constituindo-se em uma práxis social.

O processo metodológico vivido na construção coletiva das soluções ao problema, em si, expressa uma dimensão dialética favorável ao agir criativo, ao mesmo tempo em que representa uma investida diversificada de abordar o fenômeno enquanto instância de aprendizagem e diversidade cultural.

Durante o desenvolvimento do projeto (Figura 1) o engajamento dos acadêmicos em formação inicial foi surpreendente onde 26% dos discentes participantes foram do Curso de Ciências Biológicas seguidos de Medicina (23%), Enfermagem (23%), Farmácia (9%), Odontologia (9%), Fisioterapia (8%) e Técnica de Laboratório (2%). Tal dado revela a necessidade de cada vez mais procurar integrar os universitários com a comunidade dentro de uma metodologia didática com visão participativa.

Assim, os discentes deixam de ter uma visão exclusivamente acadêmica, e passa a perceber o homem inserido em contexto político, econômico e social, o que é permeado pela cultura, aspecto fundamental que deve ser valorizado e respeitado. Essa forma amplia-se o conceito de saúde e ambiente enfatizando a prevenção e promoção

Vivência universitária...

TAVARES, B. et al. (2016)

da saúde e preservação e conservação do ambiente. Tudo isso possibilita a formação de um profissional mais comprometido com a realidade social.

Conclui-se que a proposta pedagógica de oficinas, para realização do processo ensino-aprendizagem, pode ser

entendida como alternativa viável de um ensino voltado à relação teoria e prática, desde que se construa um ambiente educativo de sensibilização, no qual educadores e alunos se relacionem, discuta e reflita de maneira que isso se exteriorize na ação.

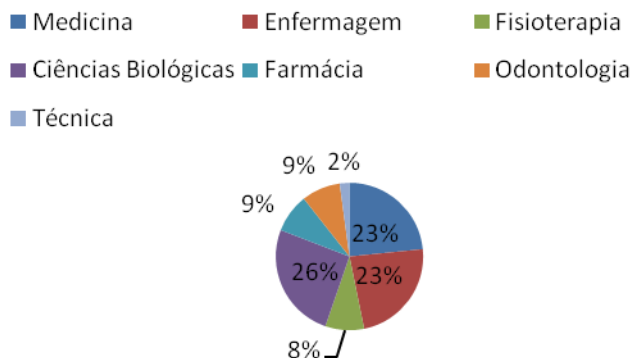


FIGURA 1 – Relação de acadêmicos participantes do projeto.

Durante o desenvolvimento das oficinas, os alunos puderam interagir e dialogar sobre os problemas ambientais com o objetivo de formar coletivamente multiplicadores ambientais que atuassem de maneira crítica-cidadã junto à comunidade, além de ampliarem conhecimentos básicos sobre os conteúdos escolares, visando à melhoria na dimensão cognitiva.

Logo, apresentação e aplicação de oficinas conectadas à temática Saúde, Educação Ambiental, Sustentabilidade e Melhoria da Qualidade de Vida possibilitaram alternativas quanto às atividades em sala de aula e permitiram a instrumentalização dos alunos para organização, interpretação e análise da realidade, bem como favoreceram a mudança de valores e atitudes. Ademais, por se tratarem de jovens provindos da zona rural, carentes e com acessibilidade limitada aos meios para produzir cultura, ciência e arte, a oficina possibilitou a inserção social desses jovens no âmbito acadêmico.

Trabalhos em Educação de Jovens são complexos, necessitam da observação dos diversos aspectos e de um resultado obtido em longo prazo. É a partir dessa realidade que a oficina pedagógica cujo objetivo maior é promover um trabalho de construção coletiva que vise à promoção e à proteção da saúde e do ambiente.

Finalmente, conclui-se que os jovens que ainda permanecem no campo, têm as mesmas aspirações acadêmicas dos jovens urbanos, contudo gostam do campo e se receberem o estímulo e a formação adequada retornarão e permanecerão na zona rural.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia - CNPq, pelo apoio financeiro ao Projeto, pelas bolsas de Recém-formado e de Iniciação Científica. A Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Campus Cascavel e ao Centro de Ciências Biológicas e da Saúde pelo incentivo e o apoio na execução deste Projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, A. Q. **Trabalho com projetos de educação ambiental na formação continuada de professores**. 2009.f. 94. Dissertação (Mestrado em Educação para Ciências e o Ensino de Matemática), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.
- ATLAS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO. 2000. Disponível em: <[http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/IDH-M%2091%2000%20Ranking%20decrecente%20\(pelos%20dados%20de%202000\).htm](http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/IDH-M%2091%2000%20Ranking%20decrecente%20(pelos%20dados%20de%202000).htm)>. Acesso em: 05 de jan.2012.
- BRÜGGER, P. **Educação ou adiestramento ambiental?** 2. ed. Florianópolis-SC: Livraria e Editora Obra Jurídica Ltda, 1994.
- CAMPOS, A.C. Congresso Interamericano de Engenharia Sanitária y Ambiental, Cancun, México, 27 a 31 de outubro, **Anais**, 2002.
- CAPRA, F. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CARNIATTO, I. ; VALDAMERI, A. J. ; AMARAL, A. Q. Princípios da Educação Ambiental: um compromisso socioambiental em comum. **Revista Diocesana Catedral-Por um Mundo Melhor**, p.36-36, 2011.
- CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (1992: Rio de Janeiro). **Agenda 21**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.
- ENGEL, G.I. **Pesquisa-ação**. Educar, Curitiba, n.16, p.181-191, 2000.
- FALCÃO, E. F. **Vivência em comunidades outra forma de ensino**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2006.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LEFF, E. **Discussões sustentáveis**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.
- MAZZOTTI, T. B. **Uma crítica à ética ambientalista**. In: CHASSOT, Á; OLIVEIRA, J.R. Ciência, ética e cultura na educação. São Leopoldo: Unisinos, 1998.
- MOITA, F. M. G. S. C.; ANDRADE, F. C. B. **Oficinas pedagógicas: o saber em produção**. In: SANTOS, E.; ALVES, L. Práticas Pedagógicas e Tecnologias Digitais. Rio de janeiro: E-papers, 2006, p.287-301.
- SANTANA, D. M.; ARAÚJO, A. M. R. B.; SANTOS, F. N.; VIEIRA, A. M. T. S.; LIRA, F. N. A. Intervência Universitária: Jovens Camponeses (as) fazendo Educação do Campo e Agroecologia na Comunidade e na Academia. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DA CÁTEDRA UNESCO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, 2010, João Pessoa, **Anais**. 2010.
- SANTOS, F. N.; ARAÚJO, A. E.; ARAÚJO, A. M. R. B.; JÚNIOR, J. S. A. W.; VIEIRA, A. M. T. S.; SANTANA, D. M. Ferramentas

Vivência universitária...

- Metodológicas na Construção e Fortalecimento de Projetos Agroecológicos em Assentamentos e Comunidades Rurais. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v.4, n.2, 2009.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1994.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.
- VIEIRA, A. M. T. S.; SANTANA, D. M.; LEITE, J. U.; SANTOS, W. L.; ARAÚJO, A. E.; SANTOS, F. N. Agroecologia no Processo Ensino e Aprendizagem. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.4, n.2, 2009.

TAVARES, B. et al. (2016)

- WALDMAN, M. **Lixo: cenários e desafios**. São Paulo: Cortez, 2010.
- WOJCIECHOWSKI, T. **Projetos de Educação Ambiental no Primeiro e no Segundo Ciclo do Ensino Fundamental: Problemas Socioambientais no Entorno de Escolas Municipais de Curitiba**. 2006. f. 173. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande, Curitiba, 2006.